

13 OUT 1987

JORNAL DE BRASÍLIA

Apoio formal a Sarney

 AMC P-2
 PMDB

Na queda de braços que mantém com o presidente Sarney, o deputado Ulysses Guimarães está dando mais uma vez sua volta por cima. O tempo é seu aliado. De imediato, Ulysses percebeu que não poderia levar seu partido para a oposição, uma vez que os governadores estavam em outra. Se insistisse numa posição romântica e irrealista, acabaria liderando apenas o MUP, o grupo situado numa posição mais à esquerda dentro do PMDB. O presidente do PMDB recompôs-se anteriormente e com sua proverbial habilidade passou a articular um movimento que visa reaproximar seu partido do Governo. Mas colocou de imediato uma exigência da qual não abre mão: os integrantes do partido ficam dispensados de subscrever qualquer lista individual de apoio ao Governo. Trocou-se a lista por telegramas, que seus autores formulam da maneira por eles considerada como mais conveniente. O Planalto, Sarney, enfim, parecem ter se dado por satisfeitos com essa solução, que nada resolve.

Por sua vez, a Executiva Nacional do PMDB reúne-se esta semana para manifestar de público seu apoio a Sarney. Mas todos sabemos, inclusive o dr. Ulysses, que esse apoio continuará sendo apenas formal. No fundo, há divergências de ordem ideológica entre parte do PMDB e as concepções políticas do Governo. O próprio

documento que Sarney quis impor ao partido de cima para baixo estaria sujeito a alterações, a destaques, segundo a linguagem regimental da Constituinte, a que recorrem, em tom irônico, parlamentares do PMDB. Em reunião realizada na casa de Ulysses, no último fim de semana, chegou-se à conclusão de que o documento para ser apoiado pelo PMDB precisa adaptar-se à linguagem do partido, ao seu programa. Seriam lantejoulas que o PMDB pretende acrescentar para justificar de público sua nova posição.

Sarney responde de seu lado que com apoio ou não do PMDB, vai dar início às decisões que prometeu realizar, as quais se consubstanciarão em reformas da administração e da própria equipe governamental. O PMDB, apenas formalmente, volta a ser agora o que sempre foi: o principal partido de sustentação política do Governo. Invertem-se, porém, os papéis. Uma facção do PFL, minoritária, vai para a oposição. A outra, uma dissidência do PFL, formada pela maioria dos seus parlamentares, e capitaneada pelo ministro Antônio Carlos Magalhães, ajuda a dar estabilidade política e parlamentar ao Governo Sarney, junto com o PMDB e outros partidos menores. De acordo com seus próprios amigos, Sarney estaria cometendo os mesmos erros políticos em que incidiu em outras oportunidades. Demorou

em suas decisões, dando tempo a que Ulysses e o PMDB se recompussem internamente. Mas Sarney, ainda segundo um dos seus melhores amigos no Congresso, não teria condições políticas de romper com o PMDB. Isso porque as circunstâncias políticas em que vive o seu Governo são as mais adversas, com crise econômica, descontentamento nos quartéis por causa do problema salarial, e desprestígio e impopularidade nas ruas. Um rompimento com o PMDB equivaleria a conduzir o Governo a uma situação de total instabilidade política.

Egídio e Sarney

Conta o deputado pernambucano Egídio Ferreira Lima, da esquerda do PMDB, que nos últimos tempos teve três conversas consecutivas com o presidente Sarney. Em todos esses encontros, Egídio defendeu a tese, junto a Sarney, de que a única forma de solucionar o impasse político em que se encontra o País seria a instituição do parlamentarismo. Examinando os recentes acontecimentos políticos à luz das conversas mantidas com Sarney, o parlamentar pernambucano chega à conclusão de que suas palavras não sensibilizaram e jamais encontrarão eco no espírito do presidente da República. «Hoje, estou convencido — diz Egídio, desalentado — de que era como se estivesse falando sozinho comigo mesmo diante de um espelho».